

A “multidão” e o “espetáculo” na queda do comunismo romeno: análise a partir do filme “Videogramas de uma revolução”.

Roberto Lopes Júnior

Se numa Cidade os cidadãos não tomam das armas porque estão prisioneiros do terror não se deve dizer que aí reina a paz, mas que nela não há guerra. A paz não é mera ausência de guerra, mas uma virtude que se origina da força do espírito, pois nela a obediência é o desejo constante de seguir o direito comum da Cidade. (ESPINOSA, TP, V, § 2, 3, 4)

Introdução

Romênia, Timișoara, entre 17 e 21 de dezembro de 1989. Uma garota ferida (com um longo gesso em seu braço esquerdo) é colocada, com dificuldade, num leito do hospital público da cidade. Ao finalmente se acomodar, e sendo informada que será filmada pela emissora de TV local, a garota começa a apresentar sua mensagem para a câmera. Rodica Marcau, funcionária de uma cooperativa, faz um longo relato, informando que foi ferida por duas balas ao defender a loja contra membros da *Securitate*³⁹, durante as manifestações que ocorriam na cidade nesse período. A jovem também denuncia prisões, maus tratos, agressões e torturas feitas pelos órgãos de repressão do governo. Rodica, em nome da loja e da juventude de Timișoara, declara apoio a “revolução” que ocorria no país, onde pede “mais pão” e o fim da ditadura comunista, rejeitando a *Securitate*, pedindo força aos que resistiam na praça da ópera na cidade, e prestando homenagem aos quatro mil mortos nos protestos, cobrando a identificação dos cadáveres.

A cena descrita é a de abertura do filme “Videogramas de uma revolução”, lançado em meados de 1992, pelo diretor alemão Harun Farocki e o documentarista romeno Andrei Ujica. O filme retrata, a partir de filmagens obtidas por câmeras amadoras e da televisão estatal romena, os últimos, e tumultuados, dias do ditador comunista Nicolai Ceaucescu no poder, terminando com sua prisão e fuzilamento em 25 de dezembro de 1989. A obra de Farocki e Ujica não foi a úni-

39 Departamentul Securității Statului, policia secreta romena em atividade entre 1948 e 1989.

ca a tratar sobre a derrocada dos Ceaucescu, porém, pela abordagem utilizada e o satisfatório resultado final obtido, é até hoje o de maior repercussão sobre o tema.

Entre as revoluções que marcaram a queda do comunismo no leste europeu durante 1989, a ocorrida na Romênia foi a única em que houve violência e derramamento de sangue. Esse aspecto mostrou-se previsível devido tanto ao longo período de domínio despótico, desde 1965, do então chefe de estado Nicolai Ceaucescu, quanto a paradoxal situação do país, sendo ao mesmo tempo um dos regimes comunistas com melhor relação entre as nações capitalistas, mas também um dos países socialistas mais fechados, com sombrias políticas ligadas ao controle de natalidade, forte censura, repressão por vezes brutal realizada por sua polícia secreta, obras e projetos megalomaniacos, e um monumental, muitas vezes caricato, culto a personalidade de Ceaucescu e sua esposa, Elena⁴⁰.

O presente ensaio realizou breve análise do filme Videogramas de uma revolução, identificando inicialmente a obra de seus diretores e descrevendo as principais partes constituintes da película. Posteriormente, foi feita uma tentativa de relacionar os acontecimentos narrados no filme com diferentes análises políticas e filosóficas, discutidas em artigos localizados, sobre o fim do comunismo romeno, e especular sobre uma possível coincidência de fatores entre a Romênia de 1989 com movimentos e protestos sociais ocorridos no mundo pós-ueria fria.

Contextualizando o filme e seus diretores...

O filme Videogramas de uma revolução, produção semi-independente lançado em meados de 1992, resultado de quase um ano e meio de pesquisa e levantamento de cerca de 140 horas de material amador e dos arquivos da Televisão estatal romena, uniu dois documentaristas com visões e técnicas de filmagem opostas.

Hackun Farocki, nascido em 1944 na Alemanha, possui profícua e longa carreira, em atividade desde o final dos anos 1960, com cerca de 90 documentários, realizados em diferentes formatos, que lidam sobre aspectos políticos, econômicos e culturais da sociedade contemporânea. Em meados dos anos 1970, influências como, por exemplo, a obra *Sociedade do espetáculo* (seja o livro publicado originalmente em 1967, ou o filme homônimo lançado em 1973) de Guy Debord, ou as ideias do filósofo francês Michel Foucault, em especial as ligadas aos conceitos de biopolítica⁴¹, se mostrariam duradouras na realização de seus tra-

40 Informações sobre o regime de Ceaucescu podem ser encontrados nos trabalhos de Judt (2008), Sebestyen (2009) e Brown (2011)

41 O conceito de Biopoder/ Biopolítica, segundo a definição original de Foucault, baseia-se ao controle dos corpos e da vida exercidos pelo estado contemporâneo por meio de leis e normas

balhos, influências essas (discretamente) admitidas pelo diretor em diferentes entrevistas. Seja em seus primeiros filmes, *Die Worte des Vorsitzenden* (1969), *Die Teilung aller Tage* (1970), até sua mais recente obra, a série de filmes *Serious Games I-IV* (2009/2010), transitou em películas por vezes confusas, caóticas, ou de cunho minimalista. Grande parte de seus trabalhos têm visões pouco simpáticas a forma em que os poderes políticos e sociais se apropriam do capital intelectual e cultural para disseminação (ou controle) de informações, e de uma mídia e campo artístico que, por motivos diversos, se deixam “manipular” por essas instituições.

Adrei Ujica, nascido na Romênia em 1951, em seus primeiros anos, devido parcialmente a repressão em seu país, não possuiu uma carreira tão profícuca, pelo menos até os anos 1990. Com formação em cinema obtida em cursos em diferentes países europeus, o diretor romeno usufruiu do relativo clima da abertura político do país a parte capitalista da Europa nos anos 1980, realizando seus primeiros filmes, inicialmente curtas metragens. Sua mais ambiciosa obra é o filme “Ceaurescu: uma autobiografia”, lançado em 2010, com três horas de duração, mostrando, a partir de uma longa e extensa pesquisa em diferentes acervos arquivísticos romenos, os principais acontecimentos do governo de Ceaurescu entre 1965 a 1989. Bem recebido em Cannes, o filme obteve recepção mista pelo público romeno, acusado tanto de enaltecer a vida do ditador comunista quanto de um pretenso tratamento irônico sobre o mesmo.

Tanto Farocki quanto Ujica, em (poucas) entrevistas concedidas durante os anos 1990 e 2000, se esquivaram de analisar aprofundadamente o filme e a repercussão obtida nele nos cenários norte-americano e europeu. Ujica em particular tratou a película como parte de um quebra cabeça, completada pelos filmes *Out of Present* (1999) e o já citado Ceaurescu: uma autobiografia, buscando identificar a realidade romena que serviu de pano de fundo para a queda do comunismo.

A queda de Ceaurescu pelas várias “lentes” de Farocki e Ujica

Após a cena inicial com a jovem Rudica, o filme dedica sua atenção a cidade de Timișoara, que em meados de dezembro estava ocupada por protestos e, posteriormente, conflitos. Curiosamente, os diretores optaram não por (parcas, porém existentes) imagens feitas nas praças onde os conflitos ocorriam, mas a de uma câmera no topo de um prédio próximo aos eventos, que filmava a certa distância os manifestantes caminhando para o destino final dos protestos. É a partir

aplicadas pela pedagogia, medicina e economia, que regulariam a sexualidade e o modo de vida da sociedade. Essas ideias podem ser encontradas na trilogia *História da Sexualidade*, sendo o primeiro volume publicado em 1976 e os dois últimos em 1984.

dessa filmagem “isolada” que aparecem as primeiras legendas do filme⁴², ressaltando o pretenso perigo em que esse cinegrafista amador poderia estar correndo, justificando a postura do mesmo em registrar as imagens em um local “seguro”.

O filme passa para o dia 21 de dezembro, focando os acontecimentos na capital Bucareste. Nicolae Ceaucescu, nesse dia, organizou (precipitadamente) uma manifestação, tentando desviar o foco dos protestos ocorridos em Timișoara, onde seriam apresentadas medidas para acalmar os ânimos da população. Porém, durante o discurso, ao vivo, o ditador romeno é interrompido por vaias e gritos, deixando-o atônito e sem ação, com a TV romena saindo do ar por alguns instantes. Iniciava-se o capítulo final do regime comunista na Romênia.

Os diretores dedicam generoso espaço ao tratar sobre esse fatídico discurso. Inicialmente, apresentam sua interrupção, as tentativas de Ceaucescu e sua mulher Elena de acalmarem a confusão, além de diferentes registros que filmaram o discurso e os tumultos, porém não conseguindo identificar suas reais causas. Logo após essa cena, foca-se em imagens mostrando cidadãos romenos saindo as ruas, com destaque para a Praça da Universidade estatal de Bucareste, com uma multidão sendo formada e consolidada a noite, sendo mostrado também tiros e bombas soltados pelo exército romeno tentando, sem sucesso, dissipar essa multidão.

A película dedica então considerável espaço para o dia 22 de dezembro, iniciado por protestos e confrontos que continuavam a se propagar na capital romena, culminando com a fuga do casal Ceaucescu, de helicóptero, no comitê central do partido comunista, fato esse analisado pelo ângulo de duas câmeras amadoras que registraram o momento.

Como notado por Rohringer (2007), apesar de o filme ressaltar que o casal pode ser visto nas imagens, percebe-se claramente que o se apresenta são apenas vultos.

O foco dos acontecimentos divide-se então no comitê central do partido comunista, onde imagens captadas – de forma irregular e, conforme frisado nas legendas, muito mais por curiosidade do que por convicção – da população entrando e jogando fora documentos e objetos, e na estação de televisão romena, onde outra multidão se acumulava.

42 A versão analisada é a original lançada pela produtora Videofilmes em setembro de 2008. Nela, algumas legendas apresentam opiniões e informações acerca dos acontecimentos e filmagens ocorridas. Segundo Gervaiseau (2011), essa medida permitiu que houvesse um distanciamento reflexivo do espectador em relação as evidências visuais e sonoras apresentadas pelo filme. Versões posteriores do filme substituiriam essas legendas por uma narração em *off* feminina.

A medida que o dia 22 vai se desenrolando, os diretores focam a “tomada” da televisão estatal do país pelos manifestantes, onde a participação de membros do governo da Romênia na intermediação das transmissões feitas pelos rebeldes não passam despercebidos pelos diretores, que percebem que algumas das reuniões não são registradas em vídeo. Horas depois, as primeiras transmissões feitas por líderes do movimento rebelde eram realizadas, onde são mostrados também imagens da população de Bucareste assistindo as mesmas.

A tarde e a noite desse dia testemunharia também várias cenas dentro do prédio do comitê central, com líderes renunciando a seus cargos, reuniões “improvisadas” da alta cúpula do novo governo romeno, coordenadas – de forma ansiosa e apressada, mas também cuidadosa ao tratar da transição política do país em frente das câmeras amadoras – pelo então novo líder do país, Ion Iliescu, e o vice-presidente Dumitru Mazilu (há um tom de “expectador” no filme nessas partes, onde se evita especular sobre essas reuniões ou que está sendo tratado nelas), e de alguns militares que tentam ficar a par da prisão de elementos ligados aos Ceaucescu e de alguns líderes da *Securitate*. No lado de fora, líderes do governo de transição discursam para uma excitada multidão, interrompidos por tiros de origem não identificada.

Nos dias 23 e 24, o filme foca sua atenção aos conflitos ocorridos em Bucareste, com tiroteios entre rebeldes contra as, aparentemente, forças da *Securitate* fieis ao ditador Ceaucescu. O aparentemente é colocado pelos diretores, enfatizando certa confusão na identificação de quem estaria atirando em o quê, consequência talvez de décadas de medo impostas pelo governo comunista. Também são registradas prisões, feitas de forma aleatória, onde soldados detêm e agridem alguns transeuntes, afirmando que os mesmos eram de serviços de oposição. O filme não esconde algumas dúvidas, ou certo ceticismo, sobre quais as circunstâncias que estavam motivando os conflitos e arbitrariedades na capital romena.

No dia 25, último dia focado no documentário, ocorre a prisão e execução do casal Nicolae e Elena Ceaucescu. Legendas analisam, e enfatizam, o grande número de repórteres romenos e estrangeiros esperando o anúncio da execução do casal. Ao ser mostrado, sendo intercalado com imagens de estabelecimentos romenos assistindo a execução, o filme apresenta, discretamente, algumas pessoas não escondendo sua satisfação com o fato.

Conforme percebido por Gueron (2008), no final do filme, Farocki e Ujica, mesmo que usando de uma abordagem não totalmente “imparcial”, evitam especular a favor de um levante “espontâneo” do poder popular ou da queda planejada e consentida do regime, com as bênçãos da alta cúpula política do país.

Segundo Catharino (2012) e Gervaiseau (2011), a película enfatiza o papel das filmagens amadoras nos registros dos acontecimentos, algumas vezes citada diretamente em partes da obra (“Uma câmara analisa a situação”, “As câmeras saem à rua”, “Cada vez mais câmeras”). Videogramas também refuta um caráter excessivamente “conspiratório” da queda de Ceausescu, onde indica, em algumas partes, a falta de evidências ou registros que comprovem esse aspecto.

Visões de “multidão” e “espetáculo” na queda do ditador romeno

A partir da análise do filme de Farocki e Ujica, que conceitos filosóficos contemporâneos poderiam servir de base para a discussão do fim do comunismo na Romênia?

Bogdan (2012), baseando-se parcialmente no filme, apresentou a teoria da “contradição performática” ao tratar da transição política na Romênia. Essa teoria, inspirado em ensaios escritos pelo filósofo francês Alan Baidou, e em ideias do pensador holandês Baruch de Espinoza (1632-1677), especificamente no livro *Tratado político*, tentou identificar qual a intensidade revolucionária existente nos movimentos que derrubaram o ditador romeno, de que forma o caráter autoritário do regime freou o ímpeto da população em se opor diretamente ao regime, e de que forma a dinâmica existente dentro do antigo bloco comunista influiu nos acontecimentos da Romênia. A autora afirma que a “contradição performática” na revolução romena visualiza-se em um movimento complexo e heterogêneo, e numa transição política incompleta, que levou a diferentes interpretações sobre os acontecimentos no país em 1989. Bogdan indica que Videogramas, diferente de outros documentários sobre o ocorrido, é praticamente o único a captar e identificar algumas dessas contradições e imprecisões no decorrer da obra.

O filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), tanto em sua análise sobre os conceitos de biopolítica, quanto da sociedade de controle e de disciplina, podem ser incluídos em análises sobre o excêntrico “reinado” de Ceausescu no poder. No lado biopolítico, o ditador romeno usou e abusou na imposição de políticas (agressivas) em nome da “fertilidade” do povo romeno, com graves danos para as mulheres do país. Soma-se a isso tentativas de controle e disciplina (visualizados em constantes racionamentos de luz e material no dia a dia) contra a sociedade romena, que chegariam a níveis extremos na segunda metade dos anos 1980. Porém, Foucault, ao apresentar essas ideias, entre 1974-78, focou esses aspectos aos países capitalistas, porém sendo percebidas possibilidades de utilização na identificação de características políticas e sociais no antigo bloco comunista (e.g. FOUCAULT, 2008). Catharino (2012) chega a usar algumas ideias de Foucault em seu trabalho,

relacionando diretamente a estética videográfica do filme de Farocki e Ujica, e a forma em que mesmo analisa e apresenta os acontecimentos na Romênia.

O já citado Baruch de Espinoza também têm ideias que podem ser relacionadas a realidade romena antes do fim do comunismo, a um estado fechado, com certa confusão em dividir ao mesmo tempo uma imagem “moderada” no exterior com draconianas políticas sociais e econômicas dentro do país. Seja por Baigdou, ou de forma mais enfática, por Michael Hardt e Antonio Negri na obra “Multidão” (2005) ou “Subversive Spinoza: (Un)contemporary Variations” (2004), seus pensamentos poderiam ser adaptados a realidade global do final do século XX e início do século XXI⁴³. Contudo, as ideias de Spinoza também devem ser utilizadas com cautela. O filósofo as escreveu na instável realidade europeia de meados do século XVII, com a reorganização do continente ainda incompleta e obscura, e autores que a reutilizariam, incluindo Negri, a fariam realizando, muitas vezes de forma indireta, paralelos com o desenvolvimento do capitalismo ocidental, em especial na sua cria neoliberal. Como Baigdou afirma em seu texto, apesar de suas obras poderem ser citadas no âmbito da Romênia de 1989, outros textos precisariam ser incluídos e de novas pesquisas a serem realizadas, saindo do viés capitalista e focando na realidade comunista onde a Romênia era inserida na época.

Por fim, incluem-se ideias do situacionista francês Guy Debord (1931-1994) na abordagem de aspectos de “espetáculo” que marcaram a transição política do país em dezembro de 1989. A “tomada” da televisão romena, além da sua confusa negociação e utilização, pode ser analisada sobre o prisma do “espetáculo”, fato esse consideravelmente enfatizado por Farocki e Ujica em Videogramas. As câmeras, sejam amadoras ou profissionais, estão registrando fatos históricos, porém, em alguns momentos, sem muita precisão ou agindo pelo calor do momento, ou como Debord indicou, em 1967, com a tácita permissão do poder constituinte, que usa esses meios para expor sua versão dos fatos, e molda-los, na medida do possível, para o público.

Romênia, “revolução” ou “laboratório”?

Vinte e cinco anos depois da queda dos Ceaucescu e do fim do comunismo, a Romênia, membro da OTAN (desde 2004) e da União Europeia (desde 2007), ainda apresenta uma transição política e econômica parcial e insatisfatória. A participação do país em ambas as organizações é discreta, porém mostrando

43 Sendo que Hardt e Negri acrescentam aspectos relacionados a biopolítica foucaultiana nessa análise.

sensibilidade as crises financeiras sofridas no continente a partir de 2008. Os governos pós-comunistas de Ion Iliescu (1990-1996; 2000-2004) e Traian Băsescu (2004-) consolidaram maior liberdade política ao país, mas usando também de posturas autoritárias que existiam durante o comunismo, causando ressentimento de parte da população do país.

Contudo, por mais que a transição da Romênia para a democracia tenha sido incompleta, as experiências ocorridas em 1989 podem, com a devida cautela, serem identificadas como um “primeiro ensaio” que apresentaria, de forma rudimentar, características que marcariam o complexo jogo geopolítico no mundo pós-guerra fria.

Nas décadas seguintes, “Revoluções coloridas”, ocorridas em diferentes ex-repúblicas soviéticas entre 2004-2006, a Primavera árabe a partir de 2010, manifestações na Turquia e Brasil (2013), Venezuela e Ucrânia (2014) são apenas alguns exemplos onde o ciberativismo, mobilizações organizadas por redes sociais, e um toque de surpresa, resultavam em multidões que desafiavam, intimidavam, ou em alguns casos até mesmo derrubavam, regimes políticos existentes. Mas esses movimentos foram e são também mobilizações que sofrem com uma guerra de informações, com interesses obscuros da mídia internacional, de organismos políticos ocidentais, muitos ligados aos EUA, e até mesmo de alguns grupos participantes desses protestos⁴⁴.

Na Romênia de 1989, como em outros locais do leste europeu na época, as câmeras amadoras saíram dos armários e foram utilizadas, muitas vezes de forma empolgada, pelos seus cidadãos. O papel da TV e mídia em consolidar o fim do comunismo, mesmo que não devendo ser superestimado, também se mostrou perceptível, onde a população do país pôde “acompanhar” os principais acontecimentos e seus desdobramentos (além de seus defeitos e incompletudes) nos principais meios de comunicação do país.

Farocki e Ujica souberam em videogramas, direta ou indiretamente, apresentar todos esses aspectos em sua película. Longe da futurologia, até pela produção do filme ainda coincidir com os últimos momentos da guerra fria, os diretores tiveram a sensibilidade de perceber o forte caráter imagético, e por vezes teatral (mesmo que violento), ocorrido nos eventos de 1989, na época ainda inseridos numa bipolaridade Washington-Moscou, que chegava ao fim. Apesar de alguns exageros, “Videogramas de uma revolução” é um eficiente retrato de um mundo que estava, de forma abrupta, entrando em uma complexa fase “globalizada”.

44 Algumas informações e discussões sobre essa temática podem ser encontradas no filme italiano *A fábrica de revoluções* (2013), dirigido por Franco Fracassi.

Referências:

BOGDAN, J. Sovereignty and the Death of Communism. *Journal of Literary Studies and Linguistics*, v. 2, n.1, p 137-153, 2012. Disponível em: <http://www.scipio.ro/documents/111455/400528/10Bogdan.pdf>

BROWN, A. *The rise and fall of communism*. New York: Ecco Books, 2011.

CATHARINO, R. F. Videogramas de uma revolução: o acontecimento na imagem. *Anais do V Congresso de Estudantes de Pós-graduação em Comunicação*, Niterói, 2012.

DEBORD, G. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, M. *Segurança, Território, População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GUERIN, F. Dislocations: Videograms of a Revolution and the Search for Images. In: GINSBERG, Terri; MENSCH, Andrea (orgs.) *Companion to German Cinema*. Nova York: Blackwell Publishers, 2012.

GERVAISEAU, H. P. A. Imagens do passado: usos e noções contemporâneos. In: MORETTIN, E. (Org.); NAPOLITANO, M. (Org.); KORNIS, M. (Org.). *História e Documentário*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2012, p.211-235.

JUDT, Tony. *Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

NEGRI, A. *Subversive Spinoza: (Un)contemporary Variations*. Manchester: Manchester University Press, 2004.

NEGRI, A.; HARDT, M. *Multidão*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

ROHRINGER, M. The Making of History: The Different Faces of the So-called Revolution in Romania. *Post Script*, 2007. Disponível em: <http://www.univie.ac.at/visuellesoziologie/Publikation2008/VisSozRohringer.pdf>

SEBESTYEN, V. *A revolução de 1989*. Rio de Janeiro: Globo, 2009.

Referências audiovisuais:

Videogramas de uma revolução. Harun Farocki, Andrei Ujica. Alemanha: 1992. 106 minutos.